



## POLÍTICA INTERNACIONAL

# “Furioso” com Putin, Trump faz ameaças

Presidente dos EUA se irrita com declarações do líder russo sobre Volodymyr Zelensky e fala em “tarifas secundárias”

Em uma mudança radical na postura moderada em relação à Rússia, o presidente norte-americano, Donald Trump, afirmou à rede televisiva NBC que está “muito irritado” e “furioso” com o colega Vladimir Putin. O motivo: na sexta-feira, o homólogo russo rejeitou um plano dos Estados Unidos para um cessar-fogo de 30 dias com a Ucrânia e questionou a liderança de Volodymyr Zelensky no país vizinho. À mesma emissora, Trump ameaçou o Irã com bombardeios se a República Islâmica continue o desenvolvimento de armas nucleares.

No programa dominical Meet the Press, a repórter Kristen Welker revelou que Trump ligou para ela para expressar descontentamento com Putin, que sugeriu a renúncia de Zelensky como parte de um processo de paz. O presidente norte-americano disse a Welker que ficou bravo quando o colega russo atacou a credibilidade do ucraniano.

Irritado, Trump ameaçou aplicar novas tarifas sobre o petróleo russo. “Se a Rússia e eu não conseguirmos chegar a um acordo que ponha fim ao derramamento de sangue na Ucrânia, e se me parecer que a culpa é da Rússia”, disse o presidente,

ele imporia “tarifas secundárias sobre todo o petróleo da Rússia”. As “tarifas secundárias”, explicou Trump a Kristen Welker, significariam que, “se você comprar petróleo da Rússia, não poderá fazer negócios nos Estados Unidos”.

Segundo a repórter da NBC, Trump afirmou que Putin sabe que ele está irritado. Mas também disse que tem uma “relação muito boa” com o líder russo, e que “a raiva se dissipará rapidamente (...) se ele (Putin) fizer a coisa certa”.

### Atraso

Donald Trump pressiona pelo fim da guerra de mais de três anos entre Rússia e Ucrânia, mas não conseguiu chegar a um cessar-fogo, apesar das negociações com ambos os lados. Kiev acusa Moscou de atrasar as negociações enquanto continua sua ofensiva militar. No fim de semana, houve novos ataques na cidade fronteiriça de Kharkiv, no nordeste ucraniano.

A chegada do republicano à Casa Branca e sua aproximação com Moscou preocupam Kiev e seus aliados europeus, que temem um acordo de paz com condições benéficas para Moscou. As ameaças dos Estados Unidos de

AFF



O chefe do Kremlin em visita à corporação militar: indisposição em um momento de reaproximação

cortar sua ajuda militar à Ucrânia encorajaram a ofensiva russa.

Putin, que está no poder há 25 anos e foi eleito diversas vezes sem uma oposição real, propôs na sexta-feira estabelecer uma “administração de transição” na Ucrânia sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU) e

sem Zelensky. Desde o início da ofensiva, em fevereiro de 2022, o líder russo justifica a operação no país vizinho como uma forma de derrubar o governo ucraniano, que ele considera estar “sob as ordens do Ocidente”. Zelensky, contudo, foi eleito em eleições legítimas em 2019.

### Bombardeios

Além da Rússia, Donald Trump também ameaçou o Irã com as “tarifas secundárias” no fim de semana. A rede NBC afirmou que, na noite de sábado, o presidente norte-americano foi entrevistado por um

correspondente da emissora e disse que, além de sanções, poderá bombardear o país. A linguagem marca um endurecimento em relação aos seus comentários de dias atrás, quando disse que, se Teerã se recusar a negociar um novo acordo nuclear, “coisas muito, muito ruins” poderiam ocorrer.

Não está claro se Trump ameaçou o Irã com bombardeios somente por aviões norte-americanos ou em uma operação coordenada com Israel. Analistas disseram que Teerã pode estar a apenas algumas semanas de conseguir construir uma bomba nuclear. O governo iraniano nega que seu programa atômico tenha fins militares.

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, declarou ontem que seu país “não tenta evitar as negociações”, em um vídeo divulgado por um veículo da mídia estatal. “O Irã sempre esteve aberto às negociações indiretas”, afirmou o presidente, que acrescentou que o guia supremo iraniano, o aiatolá Ali Khamenei, “destacou que pode haver negociações indiretas”. Trump anunciou recentemente que havia enviado uma carta ao Irã e disse que prefere um acordo, mas também ameaçou Teerã caso não o alcance.

AFF



De novo: republicano diz que não está brincando sobre reeleição

## Ideia firme sobre um possível terceiro mandato

Desafiando a Constituição norte-americana, o presidente Donald Trump sugeriu novamente que poderia tentar um terceiro mandato, em entrevista à emissora NBC. “Não estou brincando”, respondeu o republicano quando a reportagem pediu que esclarecesse seus comentários sobre reeleição.

O bilionário, de 78 anos, afirmou diversas vezes que pode tentar um terceiro mandato, mas suas declarações de ontem são as mais concretas em relação a um plano para atingir esse objetivo. “Muita

gente quer que eu faça isso”, disse Trump à NBC News. “Mas basicamente digo a eles que temos um longo caminho pela frente, sabem, é muito cedo na administração.”

Reformar a Constituição dos Estados Unidos para permitir um terceiro mandato presidencial necessitaria de uma maioria de dois terços tanto na Câmara dos Representantes quanto no Senado, números que o Partido Republicano não tem. Apesar de afirmar que “é muito cedo para pensar nisso”, o presidente assegurou à NBC News que lhe foram

apresentados planos que permitiriam buscar a reeleição.

### Apoio

Se Donald Trump não tentar emendar a Constituição por meio do Congresso, precisaria do apoio de dois terços dos 50 estados do país para convocar uma convenção constitucional que propusesse mudanças na Carta Magna. Seja por uma via ou seja por outra, seria necessária a ratificação de três quartos de todos os estados.

As duas alternativas parecem

pouco prováveis, tendo em conta o atual número de estados e congressistas sob controle republicano. Os Estados Unidos nunca tiveram uma convenção constitucional. As 27 emendas constitucionais passaram pelo Congresso.

Quando a NBC perguntou ao presidente sobre um possível cenário no qual o vice, J.D. Vance, se candidataria à Casa Branca e depois renunciaria para entregar o poder a ele, o atual mandatário disse que “esse é um” método. O magnata republicano acrescentou que “há outros”, mas não quis dar detalhes.

## TRAGÉDIA NA ÁSIA

### Embaixador brasileiro: Myanmar precisa de apoio

» RENATA GIRALDI

O governo do Brasil acompanha de perto as consequências do terremoto de magnitude 7,7, um dos mais fortes do século, em Myanmar. O embaixador brasileiro no país, Gustavo Rocha de Menezes, reiterou ao **Correio** que a ajuda internacional é urgente, uma vez que essa é uma região devastada pela guerra e por conflitos étnicos intensos. Segundo o diplomata, a comunidade de brasileiros é de apenas 10 pessoas. A recomendação é evitar o turismo.

“Em Myanmar, há vários grupos de luta armada, portanto, é uma área de conflito de guerra. A situação se intensificou após 2021, com a junta militar no poder. Com o terremoto, a situação, que era difícil, ficou ainda mais complexa. Índia e China estão ajudando com o envio de equipes de resgates, doações de kits médicos e hospitalares, além de água potável”, afirmou o diplomata.

Os serviços de emergência continuaram, ontem, as buscas por sobreviventes e pelas vítimas do tremor de sexta-feira, que deixou pelo menos 1,7 mil mortos em Myanmar e que também foi sentido na Tailândia, onde 18 pessoas morreram. Segundo o embaixador, há 3,4 mil feridos e 139 desaparecidos.

“O governo militar já informou que esses números mudam a todo momento, que há uma tendência de aumentar, infelizmente”, ressaltou Rocha de Menezes. “Não temos informações de turistas brasileiros no país. Sugerimos, inclusive, que neste momento não venham. Em 2024, foram 302.”

### Desafios

De acordo com o embaixador, as autoridades militares afirmam que a necessidade mais urgente é prestar assistência às vítimas, concentradas nas áreas de

AFF



Monges birmaneses acompanham buscas em templo de Mandalay

Mandalay, centro do budismo no país, e em Naypyitaw, a capital. Porém, as embaixadas e representações estrangeiras ficam em Yangon, que no passado foi capital e hoje segue como centro econômico e financeiro.

“Quando houve o terremoto, estávamos todos trabalhando aqui na embaixada. A impressão que se tem é de que o chão está deslizando. É uma sensação de medo e isso deixou muitos assustados, querendo logo avisar às

famílias no Brasil, que tudo estava bem”, recordou o diplomata.

As dificuldades já existentes em Myanmar se acentuaram após o terremoto, pois a comunicação, que depende de satélite e é controlada pelo governo militar, está mais difícil. Também aumentou o racionamento de energia elétrica — são poucas horas por dia com luz. Segundo o embaixador brasileiro, essas limitações “são normais” no cotidiano de uma região acostumada a viver

Agência Senado/Divulgação



Gustavo Rocha de Menezes: situação no país é complexa

períodos de chuvas intensas, devastadoras, como o de furacões e terremotos, além de enchentes.

Independente do Reino Unido desde 1948, Myanmar, com 54,2 milhões habitantes, vive sob um governo de junta militar há quatro anos, desde que o presidente Win Myint foi detido ao lado de outras autoridades. No comando, está o general Min Aung Hlaing, que fez um raro pedido de ajuda internacional. As relações diplomáticas com o Brasil começaram em

1982. Os acordos se concentram em cooperação técnica.

### Preocupações

O terremoto, do dia 28, ocorreu a duas semanas do Festival das Águas, em Myanmar, considerada a festa mais importante do país por representar o início do ano-novo. Por quatro dias, há muita celebração. Os budistas da linha Teravada acreditam que a água depura os pecados e renova a cada ciclo. Nesse período, as pessoas deixam de lado os problemas concretos para aproveitar as comemorações.

Porém, desta vez, será um desafio esquecer os impactos deixados pela tragédia recente. Como se não bastasse o terremoto, em maio começa a temporada de chuvas na região, que vai até setembro. São meses em que as enchentes e catástrofes naturais se agravam.

“O país já vive uma situação bastante delicada, pois boa parte dos habitantes depende realmente de ajuda humanitária e cerca de 3 milhões são deslocados por causa dos conflitos armados e das lutas dos grupos minoritários”, destacou o embaixador.